

# Educação

Educação  
039  
Reportagem 0001



**ASPÁSIA  
CAMARGO**

## Solução está na inversão da equação

Há décadas o Brasil vem investindo na construção de prédios escolares e hoje praticamente conseguiu universalizar o ensino básico com 95% das crianças na escola e a média positiva de oito anos e meio de escolaridade por criança. No entanto, algo está errado, e dolorosamente errado.

A maioria das crianças não assimila o que lhes é ensinado, não porque tenha *cabeça dura* ou alguma deficiência insuperável, mas porque o ensino é de péssima qualidade. Isto que deveria parecer óbvio tem sido objeto de grandes polêmicas dentro da Academia e do próprio Ministério da Educação, tendo à frente a notável presença do físico Sérgio Costa Ribeiro, que se converteu em apóstolo da Educação na última década. O que ele disse e fez de mais nobre foi provar com números a mesma tese que Jatene defendeu para explicar a indústria da Saúde e suas conexões políticas.

Sérgio derrubou o mito da evasão escolar, demonstrou que os pais apostam alto na educação dos filhos, mas o amor não é correspondido pelo poder público.

A tese, que ainda não se cristalizou na consciência dos formadores de opinião, dos políticos e dos homens públicos é a que defende o ministro Paulo Renato e seu futuro secretário-executivo. E que o governo Fernando Henrique vai enfrentar com coragem e determinação.

No fórum que realizamos no Ipea junto com o Cesgranrio em novembro último, vários dos especialistas, que hoje estão indo para os mais nobres escalões do MEC, constataram, mais uma vez, a triste verdade que muitos interesses não confessados desejam esconder: a indústria da construção de escolas acasalou-se com a lógica da reprodução da classe política, tornando o

financiamento de ambas um negócio comum e promíscuo. E de tal forma que hoje existem escolas ociosas (e suntuosas) que aumentam em função da queda da natalidade, enquanto o padrão dos professores e de seus salários cai a níveis que beiram o colapso definitivo.

A solução é inverter a equação até agora posta, dando prioridade à gerência da escola, segundo métodos descentralizados e com a participação dos pais, como fez Valfrido Mares Guia em Minas Gerais.

Concentrar dinheiro e esforços na formação dos recursos humanos é a prioridade número um do MEC, na linha também apontada pelo Cesgranrio no ano passado: buscar atalhos graças ao investimento no ensino à distância, com pedagogia e temas atualizados que despertem o interesse dos alunos e que mobilizem os melhores profissionais para suprir as falhas do ensino convencional que, na melhor das hipóteses, exigirá bom tempo de reciclagem.

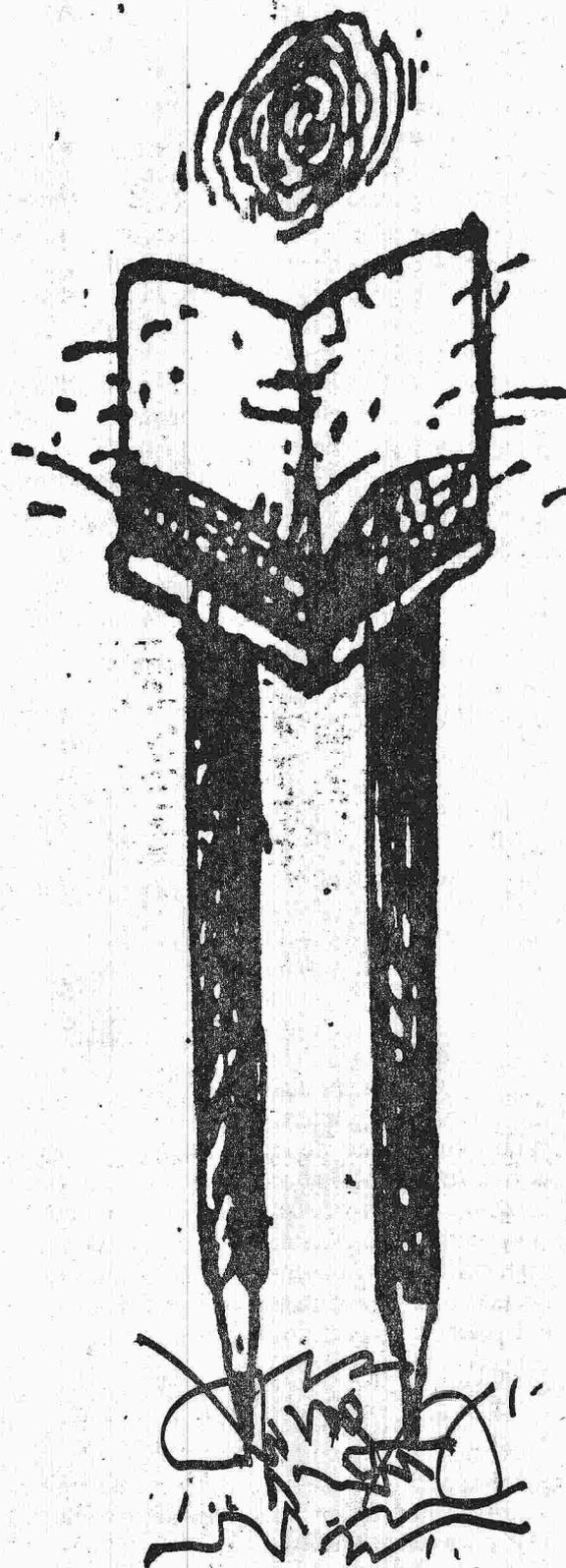
Mas o drama da educação brasileira não pára aí. Por negligência, perdemos um tempo precioso com relação aos países asiáticos e estudos recentes de Ricardo de Barros e José Marcio Camargo provam que as grandes desigualdades de renda do país explicam-se pelo baixo nível educacional de nossa população hoje majoritariamente incapacitada de integrar um novo mercado de trabalho, um novo ciclo produtivo. Se não dermos um grande salto acrobático para a frente, veremos irremediavelmente comprometido nosso futuro.

As distorções do ensino básico, que funciona como um grande gargalo de seleção no ponto de entrada, prosseguem nos níveis superiores: faltam opções técnico-profissionais mais condizentes com as demandas do mercado de trabalho e o segundo grau funciona como um corredor de passagem para o ensino superior. Este, por sua vez, converteu-se em um cartório de diplomas, também divorciado do mercado de trabalho, quando devia ser um pós-secundário e não e cada vez mais mero passaporte para uma pós-graduação que concentra todos os louros e que se desvirtua de seus objetivos.

A universidade, como a escola, mergulha no burocratismo e nos desvios funcionais, fruto do colapso do sistema de mandarinato que foi substituído por um modelo também infeliz, de democracia desorganizada e de ineficiência administrativa. A universidade pode e deve ajustar-se melhor às necessidades de seus usuários e da própria vida, sem perder o prumo e a vocação sagrada de produzir conhecimentos avançados, de cunho humanístico e científico.

Alertou Decio de Zagotti, no referido encontro, que a reforma da Universidade é condição essencial para que possamos escapar, neste particular, de um modelo japonês mal sucedido, que desvinculou a tecnologia da ciência e acabou perdendo a corrida científica.

Aspasia Camargo, socióloga, é pesquisadora da FGV



### SÚMULA ▶ Luciana Villas-Boas

Um relatório da Unicef intitulado *O progresso das nações* pôs a educação brasileira este ano em último lugar num *ranking* de qualidade abrangendo 129 países. O Brasil teria a maior taxa de analfabetismo do mundo pela incapacidade de segurar suas crianças na escola depois da 5ª série. O relatório provocou debates. O físico e educador Sérgio Costa Ribeiro, desafiou a metodologia do documento: o problema, acha, não é a evasão, mas a repetência, mostrando que 45% das crianças na 1ª série não conseguem chegar à 2ª; enquanto a média de tempo para se completar a 8ª série é de 12 anos.

O que ninguém nega é o quadro trágico do ensino. Segundo o Ministério da Educação, há no país 17,73 milhões de analfabetos. O Brasil já teria conseguido pôr 90% das suas crianças na escola em algum momento. Mas forma poucas e mal.

O próprio critério de classificação do analfabeto, a capacidade de rabiscar um recado, estabelecido pela Unesco em 1958, está ultrapassado. Muitos dos 81,6% classificados como *não alfabetos* nem de longe estão habilitados para enfrentar o mercado de trabalho. Do ponto de vista político e humanista, o que se tem é um país de *não cidadãos*. Do ponto de vista econômico, a população é fator negativo para o desenvolvimento do país.

Para muitos analistas, não se trata de gastar pouco, mas gastar mal. Em 93, o orçamento do MEC foi de US\$ 9,8 bilhões. Caiu para US\$ 7,4 bilhões em 94.

Mas talvez o dado mais revelador seja o situação do professor. Segundo o IBGE, o salário médio do professor de 1ª a 4ª série era em 82 US\$ 155. Em 90 caiu para US\$ 126. A situação dos professores de 5ª a 8ª não é muito melhor: em 82 ganhavam em média US\$ 306; em 90, US\$ 250. Sem falar das condições de trabalho e do baixo reconhecimento social. Pesquisa da socióloga Silke Weber, de Pernambuco, mostra que o projeto do professor hoje é deixar a carreira. "Virou um *metier* de passagem", diz ela.

A universidade, por sua vez, também precisa de revisão e modernização. Com distorções regionais graves, o sistema universitário não tem contribuído para melhorar o ensino básico. Sequer consegue mais formar professores de matemática ou física, por exemplo, necessários à educação fundamental.

Luciana Villas-Boas é editora do caderno Idéias